

Os corpos na dança de salão: a cocondução como pedagogia da escuta e política de alteridade

Jonas Karlos Feitoza* 

Universidade Federal de Sergipe (UFS) – Brasil

*Correspondência: jonaskarlos1@gmail.com

RESUMO

Este texto investiga as problemáticas estruturais da dança de salão, questionando a noção tradicional de condução e sua interface com o patriarcado. Fundamentada na *Prática como Pesquisa* (Fernandes, 2018; 2014) no contexto da docência universitária, a investigação adota a *A/r/tografia* (Dias; Irwin, 2023) como abordagem artístico-pedagógica para integrar as identidades de artista, pesquisador e professor. O estudo busca desvelar como a dança a dois, apesar de flertar com pedagogias da emancipação, frequentemente perpetua hierarquias de gênero. Sob a lente da *Teoria Corpomídia* evidencia-se a intersubjetividade e a troca mútua entre os corpos. Como alternativa, propõe-se o conceito de *Cocondução*, fundamentado na cooperação e na igualdade das diferenças de intenções, visando ressignificar corpos e corpos na dança de salão a partir da alteridade.

PALAVRAS-CHAVE:

Corpos na dança
Cocondução
Patriarcado
Prática como Pesquisa
Teoria Corpomídia
Pedagogia das artes
cênicas

SUBMETIDO: 30 de abril de 2026 | **ACEITO:** 5 de julho de 2026 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Introdução

Este texto convida possíveis leitores para uma jornada de reflexão crítica e verticalizada sobre esse campo de estudo. Ao longo de mais de duas décadas de atuação profissional com as danças a dois, percebo que, para além da técnica e da suposta pedagogia da emancipação nos contextos pelos quais essa dança é mediada, questões problemáticas profundamente enraizadas na estruturação das danças a dois encontram alternativas para sua existência. Antes de apresentar as problemáticas encontradas nesse campo, reforço que os argumentos apresentados emergem de experiências vivenciadas no cenário

artístico e pedagógico das danças de salão.¹

Essa fundamentação na vivência prática encontra eco nas reflexões de Jorge Larrosa (2002), para quem a experiência não é apenas o que se passa, mas o que nos passa, o que nos acontece e o que nos toca. Ao reivindicar o saber da experiência como eixo central desta escrita, afasto-me de uma teorização meramente informativa ou técnica para assumir uma postura de escuta e abertura ao que o corpo, em seus anos de salão, produziu como sentido. Para Larrosa, a experiência exige uma interrupção, um parar para olhar e escutar, transformando o vivido em um saber singular que não se esgota em manuais, mas que se manifesta na subjetividade do/da artista-docente que se permite ser transformado pela própria prática. Assim, os dilemas aqui expostos não são abstrações teóricas, mas o resultado de um corpo que se deixou atravessar pelas tensões e potências do dançar a dois.

A experiência duradoura na formação em danças de salão é um pilar fundamental no desenvolvimento de produção de conhecimento. Essa jornada contínua de aprendizado e aprimoramento está implicada com um método que parte da *Prática como Pesquisa* (Fernandes, 2014; 2018). Desse modo, a narrativa docente assume um papel central. O objetivo, portanto, é oferecer um olhar crítico sobre essa prática, buscando evidenciar as nuances nem sempre visíveis que coreografam o patriarcado em suas manifestações.

Nesse percurso, a investigação adota a *A/r/tografia* como aporte metodológico e existencial, permitindo que as identidades de artista (artist), pesquisador (researcher) e professor (teacher) atuem de forma integrada e mútua. Mais do que uma técnica de coleta de dados, a abordagem a/r/tográfica reconhece que o conhecimento é gerado no entre-lugar dessas funções, onde a prática artística e à docência não são apenas objetos de estudo, mas espaços de produção de saber. Ao assumir essa postura, a escrita deixa de ser apenas um relato para se tornar uma cartografia de afetos e experiências, na qual o corpo que dança e o corpo que ensina se fundem na

1 Este artigo apresenta um aprofundamento teórico e metodológico das reflexões iniciadas no resumo expandido "A cocondução como estratégia pedagógica para as danças de salão". VII *Seminário Internacional Desfazendo gênero*. "Futuridade afro trans cuir: para além dos fantasmas de gênero". Organizadores: André Ricardo Lucas Vieira, Ariel Matos Brito, Acassia dos Anjos Santos Rosa, Alfrancio Ferreira Dias, João Manuel de Oliveira, Joanice Santos Conceição, Jonas Karlos de Souza Feitoza, Thomas Cardoso Bastos Santos Campina Grande: Realize eventos, 2026, p.9-15.

construção de uma pedagogia crítica e sensível das danças de salão.

Essa imersão a/r/tográfica possibilita uma escuta sensível das poéticas e das políticas que atravessam o corpo no salão, revelando que as escolhas pedagógicas e artísticas não são neutras, mas estão impregnadas de heranças culturais. Ao habitar as zonas de contiguidade entre o fazer e o investigar, torna-se possível tatear as tensões existentes nas formas de se relacionar com o outro. É nesse território de trocas e afetos que emergem as dinâmicas de poder e as convenções que sustentam a estrutura técnica dessa modalidade, lançando luz sobre o conceito que historicamente define o encontro dos corpos.

Ao se considerar uma dança de casal, como a dança de salão, a relação percebida nessa composição pode ser postulada pela palavra condução. Nesse sentido, questiona-se: como a ideia de condução, comumente utilizada na dança de salão, se manifesta? Algumas propostas pedagógicas expandiram a perspectiva sobre as partilhas do corpo na cena e as possíveis múltiplas relações estabelecidas uns com os outros na criação em dança. Todavia, as conexões com a trajetória na dança de salão em combinação com os estudos contemporâneos em dança, com um pensar inseparável entre dança e política, evidenciaram que a pesquisa parte de estudo dos processos relacionais e interacionais dos corpos.

No contato do corpo a corpo dos passos da dança de salão, a experiência vai além da observação estética. As experiências da sala de aula e os processos artísticos revelam conhecimentos mais ampliados, que se cruzavam com os conhecimentos prévios da codificação de uma dança, no caso a dança de salão, permitindo assim, uma ampliação sobre os processos de comunicação e autoconhecimento do corpo.

Torna-se oportuna, neste ponto, a aproximação com o pensamento da *Teoria Corpomídia*. Essa teoria contraria a perspectiva de mídia como meio de transmissão ao elucidar que as informações são constituídas por todos os corpos, pelas condições de suas afetações. Essa teoria proposta pelas pesquisadoras Greiner e Katz nos apresenta caminhos para repensarmos a noção de corpo em contraposição à ideia de entrada e saída de informações. É a partir desse entendimento que a perspectiva de *Corpomídia* refuta a ideia de informações depositadas no corpo. A dança de salão atravessada por esse conhecimento

refuta a existência de uma comunicação pautada apenas por estímulo-resposta. Segundo Katz (2021), todo corpo troca informação com o ambiente em um processo mútuo de modificação. A noção de corpo para autora se apresenta como atravessamentos incessantes de informações e reorganização do corpo para além da noção de entrada e saída.

Na dança de salão em qualquer posição/situação que o corpo se permita estar (conduzida/conduzida ou condutor/conduzido), para comunicar-se, faz com que as noções de dentro/fora se tornem complementares e não distintas. Ou seja, na relação com o ambiente e/ou com outros corpos, ocorrem ações simultâneas de comunicação, os/as corpos/corpos se co-conduzem. As concepções de interação e relação, bem como as nomenclaturas codificadas de dança aplicadas em instâncias educacionais, operam, também, para além da noção tradicional de comunicação.

Cocondução como pedagogia da alteridade

Temos nos deparado com discursos e metodologias imbricadas na resignificação dos corpos em práticas da dança de salão que têm promovido a equidade de gênero. Todavia, algumas proposições conceituais emergentes ainda implicam em dicotomias e dualismos que desconsideram estados de uma ação outra completamente atuante nessa ação de cocriação.

Diante das evidências de que o corpo é um processador de informações em constante diálogo com o ambiente e com o outro, as estruturas tradicionais de ensino das danças de salão passam a ser questionadas em sua base ética e funcional. Não se trata apenas de mudar nomenclaturas, mas de reconhecer que a persistência de modelos hierárquicos na sala de aula reflete uma resistência em considerar o corpo como uma potência política e autônoma. Para que a dança de salão se alinhe aos pensamentos contemporâneos da cena, é fundamental que as estratégias de ensino abandonem a passividade imposta pelos papéis de gênero e busquem métodos que operacionalizem a parceria como um evento de coautoria.

Raramente encontramos narrativas que parte da experiência da contribuição do outro corpo no fazer dessa dança. Temos reforçado a lógica de um corpo sempre mais importante que o outro, ou melhor, uma condução mais ativa que a outra, em uma comunicação pautada em duas falas, concomitante.

Reconhecer a alteridade do corpo na prática de dançar a dois pode desestabilizar os binômios conduzir/conduzido e condutora/conduzida, impregnado nos discursos hegemônicos em seus variados contextos de atuação.

Uma possível metodologia para analisarmos a alteridade na arte é problematizada por Christine Greiner (2017) ao argumentar que temos poucas informações, a partir das narrativas do corpo, constituídas de investigações com base no reconhecimento das diferenças. O pressuposto da *Cocondução* (Feitoza, 2011) propõe um modo de entender essa alteridade – e nos cabe pensarmos a dança de salão – como ações diferentes em intencionalidade mútua para que a dança aconteça.

A *Cocondução* fundamenta-se na redistribuição do protagonismo tradicionalmente centrado na figura de quem conduz a dança, sugerindo que o movimento emerge de uma negociação constante e dialógica entre os/as parceiros/parceiras. Nesse sentido, não há uma submissão de um corpo ao outro, mas sim uma escuta ativa e compartilhada, em que o convite ao movimento e a resposta a ele possuem o mesmo peso criativo. Essa perspectiva transforma a dança em um espaço de coautoria, onde a técnica se torna uma ferramenta de comunicação sensível e a fluidez do par depende da capacidade de ambos os/as corpos/corpos operarem em regime de colaboração contínua. Reconhecer a diferença e valorizarmos a participação de ambos. Em contextos como o da dança de salão, a alteridade é fundamental para que o par não seja visto como um corpo que apenas obedece ao outro. Ela permite que cada indivíduo mantenha sua identidade enquanto colaboram em um objetivo comum, transformando o encontro em um diálogo genuíno entre duas subjetividades diferentes.

As abordagens que desconstroem funções definidas na execução de passos de dança, implicadas por uma condição de gênero, têm a responsabilidade de tecer coerência com os termos que instigam o avanço na lógica da binaridade e da hegemonia. Precisamos ter o cuidado com propostas artísticas, por exemplo, que propõem a ideia de inversão da condução, mas, que na verdade reforçam a noção hegemônica/patriarcal da condução.

As autoras Freire e Accioly (2021) têm publicado críticas contundentes sobre as mudanças de nomenclaturas incoerentes com as ações pedagógicas

dos profissionais. Em outras palavras, a simples mudança dos termos não modifica as práticas pedagógicas e/ou artísticas; a ação da condução continua reafirmando concepções de domínio de um corpo sobre o outro, prevalecendo a perspectiva da condução, geralmente, pelo homem-cis. Pensar a noção de condução por um viés hegemônico ainda tem reproduzido a visão de uma ação mais importante que a outra para a realização da dança.

Nesta escrita, entende-se que a escolha de estar na condição de "conduzida" ou "conduzido", termos utilizados comumente nas práticas da dança de salão, é um tipo de organização, constantemente em ação, que o corpo assume para participar da relação de parceria do dançar a dois. Dependendo desse ou de outro modo como o corpo se posiciona nessa ação de dançar em parceria, existe um acordo para que a estruturação se estabeleça no dançar. Não se trata, obviamente, de propor apenas uma inversão da condução e/ou usar nomenclaturas para construir um pensamento democrático. A lógica de preponderância de um corpo sobre outro não é compatível com um processo constituído em parceria.

A criação de propostas pensadas que enfatizam uma ação coletiva da condução na dança de salão, promove um reconhecimento da importância das diferenças das ações. Mas, será que algumas propostas pedagógicas/artísticas almejam o reconhecimento da igualdade ou apenas deslegitima as diferenças da ação na parceria da dança? Essas propostas que diluem a ideia de uma única condução responsável pela dança em parceria ofertam um campo potente de estudos. Torna-se imprescindível fomentar que a decisão do lugar da ação que se queira assumir nas estruturas dos passos que compõem a dança, ocorre pela cooperação de ambas as ações dos dois corpos. Ter a opção de escolher como se quer estar na estrutura da dança, ou como a outra pessoa quer se posicionar, é um compromisso político que precisamos viabilizar, com mais frequência, em nossas abordagens para aguçar outros sentidos da experiência. Nem sempre a noção de inversão da condução é funcional/político para expandir a noção de corpos desierarquizados e dominados por outros.

Desde 2011 o conceito de *cocondução* (Feitoza, 2011) tem elucidado, nesse campo de conhecimento, uma abordagem que propõe ações mútuas nessa relação das danças de salão. O conceito de *cocondução* foi proposto

com o objetivo de ampliar a percepção sobre o conceito de condução. A criação desse neologismo não se propôs, de maneira óbvia, apenas uma junção de palavras (do prefixo co- que significa evoluir conjuntamente com a palavra condução), mas, sim, a criação de um outro conceito que expande nossa compreensão sobre os modos de organização do corpo nas danças de salão (Feitoza, 2011). Compreender a igualdade de intenções emergidas por ações particulares de cada corpo é fundamental para promover práticas desprovidas de hierarquias binárias.

Assume-se, aqui, um compromisso de dimensão sociopolítica ao tecer críticas sobre a noção de relação/comunicação na dança de salão, pautada apenas na compreensão de movimentos de estímulos-respostas ou conduzida-conduzido. O patriarcado é sorrateiro e opera nessas crenças binárias. Um profícuo diálogo nos parece radical e utópico ao reconhecermos e afirmarmos: São duas conduções que acontecem concomitantemente, independente de propormos a ideia de inversão. Entretanto, o modo como a manutenção patriarcal tem operado com as suas alternativas conceituais, inviabiliza essa revelação de que as diferenças das ações dos dois corpos, acordadas na relação de parceria, são distintas e fundamentais para a complementaridade.

O contínuo desenvolvimento dos estudos do corpo tem avançado e exposto que é aparente a percepção de que existe ausência de movimento ao se observar uma pessoa em um momento de supostamente inércia e/ou submissão. A premissa da pessoa conduzida reforça o equívoco da passividade do corpo em uma relação de dança a dois. Talvez não seja possível avançar nas discussões se não houver o cuidado de evitarmos a criação de outras hegemonias, por exemplo, com os termos conduzido/conduzida, caso não sejam problematizados, ressignificados e apresentadas discussões sobre como os corpos se organizam em uma relação de parceria, inclusive, codependente da questão de gênero e sexualidade na execução do movimento.

O paradoxo, entretanto, acentua-se, porque em uma dança de salão de corpos-cis, as proposições de movimentos são categorizadas de modo binário-heteronormativo, a partir apenas dos gêneros homem-cis/mulher-cis. E a problemática é ainda mais aterrorizante com a existência de discursos que acreditam veemente na existência apenas da preponderância do homem-cis e/ou

mulher-cis como principal condutor/condutora no desenvolvimento da dança. Essa responsabilidade atrelada exclusivamente aos corpos-cis deve ser significativamente questionável em relação com as políticas de identidade de gênero.

A filósofa feminista estadunidense Judith Butler (2019) nos apresenta temas importantes sobre gênero e sexualidade na sociedade que norteiam mudanças nos comportamentos e afetam a produção das artes, no modo como pensamos os rumos destes assuntos nas nossas ações educacionais/artísticas. A noção de performatividade da autora, contribui para entendermos que os sujeitos se constituem por meio de ações que friccionam a noção de identidade como algo fixo e imutável, e assim, transformam e abrem novas possibilidades de existência.

As proposições que rompem com as construções de gênero e sexo podem ser agenciadas no sentido proposto por Butler (2019), contra o poder opressor/dominador, e podem fazer resistência aos enquadramentos impostos pela cultura patriarcal. Não há como fugir desses temas que afirmam tudo o que foi negado àqueles que se diferenciam das normas sociais e que têm o direito à vida como qualquer pessoa. Essas inspirações fazem sentido para debatermos esses temas e incluí-los no universo da pedagogia de uma dança para além de binarismos hierárquicos. Assumir diálogos que ajudam a pensar outras possibilidades de práticas pedagógicas e artísticas para a dança de salão.

A criação de metodologias contrapostas à dominância de estímulos-respostas de corpos-cis, além de criar outras possibilidades para os sujeitos perceberem os modos de organização do corpo, concebe o direito de escolhas das estruturas compostas nessa relação. Essa política de mútuos poderes exercidos em codependência promove outras percepções sobre a organização do corpo no fazer da dança de salão. Os estudos de gênero nas danças a dois são importantes, também, pela possibilidade de assumirmos como metodologia a possibilidade de escolha de qual ação exercer na relação do dançar em parceria.

Epistemologias dinâmicas: corpomídia e cinestesia em diálogos interdisciplinares

A compreensão da dança de salão como um fenômeno de intencionalidade mútua exige que desloquemos o olhar das descrições puramente técnicas ou históricas para investigar a complexidade dos processos que ocorrem no/em corpo nas ações da dança. Se a cocondução pressupõe uma relação de

alteridade onde dois corpos se comunicam em tempo real, torna-se necessário fundamentar essa interação por meio de um diálogo interdisciplinar. Ao buscarmos bases que sustentem essa troca sensível e dialógica, as interfaces com áreas que estudam a percepção e o funcionamento cognitivo oferecem subsídios valiosos para expandir outros modos de compreensão do corpo.

O conjunto de saberes que formam as ciências cognitivas aborda temas fundamentais para expandirmos a compreensão do corpo e articularmos com nosso fazer artístico/pedagógico. No caso desta investigação, a dança de salão, um saber implicado no sentido e intenções de movimento para uma dança que só acontece em dupla. Ao apontar a necessidade de instigarmos a ampliação da percepção sobre a noção de condução a partir do sentido do movimento, esboçamos caminhos para uma construção epistemológica sobre a relação do corpo nas danças a dois.

Alain Berthoz (2000) argumenta que o *sentido do movimento* ou *Cinestesia* é o nosso sexto sentido oportunizado por diversos multissensores, como: receptores vestibulares, proprioceptores, receptores cutâneos, visão e os graviceptores, localizados na nossa pele. Esse sentido ao envolver músculos e articulações, orientam-nos sobre a localização de cada parte do corpo no espaço, bem como em relação ao peso e a gravidade. Por ser uma ação intrínseca ao nosso ser, necessariamente, não precisaremos ter consciência desse processo fisiológico, pois a partir dos captadores sensoriais do movimento essa percepção acontece instantaneamente. Assim, as ações distintas de ambos os corpos na execução dos passos da dança de salão se complementam a partir dos estados de sensação, criando estratégias de relações intencionais a partir do corpo.

Para Berthoz (2000) nossos movimentos são guiados a partir de uma representação interna que desempenham trajetórias com escolhas e sentidos, nos permitindo direcionar as ações necessárias para determinadas intenções. O autor ratifica que nosso cérebro funciona com predições das consequências da ação, fazendo relações com memórias das ações passadas e possíveis consequências para realização de outras intenções, organizando nossa percepção.

Esses estudos são relevantes para criarmos aproximação e expandirmos a noção de corpo e condução na dança de salão. Assim como Greiner (2017) ao apresentar uma construção de uma epistemologia do corpo sem o intuito de

explicar como se procede as conexões entre corpo, cérebro e ambiente – mas sim, informar e oportunizar investigações sobre essas questões – poderíamos relativizar ações de movimento para além do binômio dicotômico condutor-conduzido.

Existe uma grande contradição considerando-se os estudos das ciências cognitivas e/ou a *Teoria Corpomídia*, por exemplo, os quais têm explorado a experiência afetada do artista com o ambiente, ampliando significativamente os processos de conhecimento e investigação das possibilidades criativas do corpo, dos estados complexos da percepção, em consonância com os estudos de gênero e sexualidade.

A partir dessa perspectiva, compreende-se que a superação do binômio condutor-conduzido não é apenas uma revisão terminológica, mas uma necessidade epistemológica que reconhece a complexidade fisiológica e sensível dos corpos em relação de mutualidade. Ao integrar a previsibilidade do cognitivo com a instabilidade criativa dos afetos, a dança de salão deixa de ser um sistema de comando e controle para se tornar um ecossistema de co-emergência. Nesse cenário, o corpo não apenas executa uma trajetória espacial, mas habita um estado de prontidão e resposta mútua, onde os atravessamentos de gênero, técnica e percepção cinestésica se fundem. Assim, a construção de uma prática pedagógica e artística pautada nessas epistemologias dinâmicas permite que o encontro a dois seja, fundamentalmente, uma experiência de autoria compartilhada e de produção de conhecimento vivo.

Considerações em movimento

A escrita deste texto assume o compromisso teórico, ético e político de defender que ambas as pessoas envolvidas na dança a dois são estruturalmente distintas, mas se complementam em um objetivo comum de parceria. É imperativo reconhecer que a manutenção de uma noção de condução pautada no viés de um único corpo provedor de movimento inviabiliza o avanço do estado da arte e das pesquisas científicas no campo da dança de salão. A proposição da cocondução refuta tanto o modelo de submissão unilateral quanto a ideia de que a simples inversão de papéis resolve a hierarquia. Argumenta-se que, dependentemente das identificações de gênero ou das funções assumidas,

ambos os corpos são agentes fundamentais e soberanos nas escolhas que constituem o fenômeno da dança.

Ainda que o foco principal resida na *cocondução* como conceito que elucida a mutualidade e a desierarquização das ações, é preciso situar o valor da prática da inversão da condução. Embora a inversão, por si só, não garanta corpos emancipados ou um pensamento democrático, ela se consolida como uma ferramenta pedagógica de extrema relevância. Sua validade manifesta-se quando promove a conscientização de que ambos os/as corpos/corpos exercem uma ação conjunta, e não um domínio sobre o outro. Ao permitir que o corpo experimente conscientemente uma organização estrutural distinta daquela que lhe foi socialmente imposta ou normatizada, a inversão viabiliza a experimentação de outros modos de existência. Emergir outros sentidos da experiência e fomentar protagonismos dissidentes em contraposição à heteronormatividade constitui, portanto, um compromisso político e educacional imprescindível.

Destarte, esta pesquisa está coimplicada com o saber da experiência e articulada com campos de conhecimento que investigam os modos de operar do corpo sob uma ótica sistêmica. A compreensão da *cocondução* elucida uma relação de alteridade heterogênea, movida por intencionalidades díspares que se complementam na coletividade do encontro. Tal perspectiva desestabiliza o discurso unilateral tradicionalmente justificado por uma leitura linear e anacrônica da história das danças de salão, a qual postula a centralidade de uma única pessoa responsável pela condução.

Nesse horizonte, a *cocondução* emerge não apenas como uma técnica de dança, mas como uma epistemologia da relação. Ao integrar os achados das ciências cognitivas e as discussões sobre o sentido cinestésico, percebemos que a comunicação entre os corpos ocorre em um nível pré-reflexivo e compartilhado, onde o comando cede lugar à predição mútua. Isso significa que o movimento não é algo que um corpo faz *para* o outro, mas sim algo que acontece *entre* eles, em um espaço de negociação constante e invisível da experiência.

Em sintonia com as reflexões de Jorge Larrosa, a experiência aqui evocada não se limita ao acúmulo de eventos ou à repetição de movimentos técnicos, mas refere-se àquilo que nos acontece, nos toca e nos transforma enquanto sujeitos da dança. O saber da experiência, portanto, é o que confere densidade política e

pedagógica à cocondução, pois exige um corpo disponível ao risco do encontro e à alteridade. Ao final desta jornada, compreende-se que a dança de salão, atravessada por essa perspectiva, deixa de ser um conjunto de passos codificados para se tornar um território de sentidos, onde o conhecimento não é apenas transmitido, mas vivenciado na pele, nas tensões e nas potências de um corpo que, ao se permitir ser afetado pelo outro, reinventa a si mesmo e a própria arte.

Portanto, pensar a dança de salão a partir dessas epistemologias dinâmicas exige que o ensino desta linguagem rompa com as amarras do binômio condutor-conduzido. Ao abraçar a complexidade dos estados de sensação e a pluralidade das identidades, transformamos a sala de aula e os salões em espaços de resistência dos direitos de escolha dos tipos de ação existente nesse dançar a dois. A *cocondução*, enfim, revela-se como uma possibilidade de coreografar outros modos de existência, onde a técnica se torna um exercício de escuta e a dança, uma prática de liberdade compartilhada.

REFERÊNCIAS

- BERTHOZ, Alain. *The Brain's sense of movement*. Translation: Giselle Weiss. Cambridge: Harvard University Press, 2000.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. *Tremores - escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: Crocodilo, 2019.
- DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (orgs.) *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: a/r/tografia*. 2ªed. Santa Maria: UFSM, 2023.
- FEITOZA, Jonas Karlos de Souza. *Danças de Salão: os corpos iguais em seus propósitos e diferentes em suas experiências*. 2011. Dissertação (Mestrado em Dança) – Faculdade de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- FEITOZA, Jonas Karlos de Souza. A cocondução como estratégia pedagógica para as danças de salão. In: VIEIRA, André Ricardo Lucas; BRITO, Ariel Matos; ROSA, Aássia dos Anjos Santos; DIAS, Alfrancio Ferreira; OLIVEIRA, João Manuel de; CONCEIÇÃO, Joanice Santos; FEITOZA, Jonas Karlos de Souza, SANTOS, Thomas Cardoso Bastos. *Futuridade afro trans cuir: para além dos fantasmas de gênero*. VII Seminário Internacional Desfazendo gênero. Campina Grande: Realize eventos, 2026, p.9-15. E-book. ISBN 978-65-5222-087-5. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/\[ebooks\]/DESFAZENDOGENERO/2025/08052026135655-FUTURIDADE-AFRO-TRANS-CUIR---PARA-ALEM-DOS-FANTASM.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/[ebooks]/DESFAZENDOGENERO/2025/08052026135655-FUTURIDADE-AFRO-TRANS-CUIR---PARA-ALEM-DOS-FANTASM.pdf) . Acesso em: 16 jun. 2026.
- FERNANDES, Ciane. A Prática como Pesquisa e a Abordagem Somático-Performativa. In: *Anais do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas*, 8., 2014, Belo Horizonte. Belo Horizonte: ABRACE, 2014. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/4626> . Acesso em: 29 maio. 2025.
- FERNANDES, Ciane. *Dança Cristal: da Arte do Movimento à Abordagem Somático-Performativa*. Salvador: EDUFBA, 2018.
- FREIRE, Francisca Jocélia de Oliveira; ACCIOLY, Cecília Bastos da Costa. Em questões de gênero e normatividade, quantos passos avançamos no salão? *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*. Belo Horizonte, v.11, n.22, p.434-437, 2021. DOI: [10.35699/2237-5864.2021.25827](https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.25827). Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/25827>. Acesso em: 16 jun. 2026.
- GREINER, Christine. Em busca de uma metodologia para analisar a alteridade na

Arte. Conceição/Conception, Campinas, SP, v.6, n.2, p.10-21, 2017.

DOI: [10.20396/conce.v6i2.8648519](https://doi.org/10.20396/conce.v6i2.8648519).

Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8648519>. Acesso em: 16 jun. 2026.

KATZ, Helena. Corpar. Porque Corpo também é Verbo. In: BASTOS, Helena (org.).

Coisas Vivas. Fluxus que informam. São Paulo: ECA-USP, 2021. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/716>.

Acesso em: 16 jun. 2026.

Bodies in Ballroom Dancing: Co-Leading as a Pedagogy of Listening and a Politics of Alterity

ABSTRACT

This text investigates the structural problems of ballroom dancing, questioning the traditional notion of leading and its interface with patriarchy. Grounded in Practice as Research (Fernandes, 2013; 2018) within the context of university teaching, the investigation adopts A/r/tography (Dias; Irwin, 2023) as an artistic-pedagogical approach that integrates the identities of artist, researcher, and teacher. The study seeks to reveal how partner dancing, despite flirting with pedagogies of emancipation, frequently perpetuates gender hierarchies. Through the lens of Corpomedia Theory, this study highlights intersubjectivity and mutual exchange between bodies. As an alternative, the concept of Co-leading is proposed, based on cooperation and the equality of differences in intentions, aiming to resignify bodies in ballroom dancing from the perspective of alterity.

KEY WORDS:

Bodies in dance
Co-leading
Patriarchy
Practice as research
Corpomedia Theory
Performing arts
pedagogy

SUBMETIDO: 30 de abril de 2026 | **ACEITO:** 5 de julho de 2026 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
